

1 José Pedro Thi. Gresa é pessoa não binária, artista da performance, pesquisador, professor de artes, e orientador de processos criativos. Desenvolve pesquisas sobre performance, gênero, novas estéticas e as genealogias de performance. É graduado em Artes do Corpo (PUC/SP) e mestre em Comunicação Social (UERJ). Já performou e participou de ciclos de formação em São Paulo, Rio de Janeiro, Santos e Salvador. Dentre os seus trabalhos estão, "como evitar o desabamento" (2015), "na-va-lhas" (2017), "Ruídos Mov. 1" (2019), "Se a vítima é não identificada a vítima poderia ser nós" (2019) e, a exposição solo "Não presença materializada" (2014).

2 Butler, Judith. *Corpos em Aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 2018.

3 Gómez, Pedro P. "Introducción: Trayectorias de la opción estética decolonial" in, Gómez, Pedro P. *Arte y estética em la encrucijada decolonial II*. Buenos Aires: Del Signo, 2014.

4 Desde 1979, após a organização do Grupo Somos, a sigla LGBT passou por diversas alterações, aumentando as suas representatividades. Esse percurso pode ser conferido em: Green, James N. *História do Movimento LGBT no Brasil*. São Paulo: Alameda, 2018.

5 Um dos casos mais comentados e noticiados nacionalmente e internacionalmente foi a morte do mestre de capoeira e líder do grupo Afoxé Badauê, Moa do Katendê. Ver: <https://www.geledes.org.br/mestre-moa-do-katende-e-morto-facadas-apos-discussao-politica-em-salvador/>.

6 O Seminário Interlinhas foi organizado pelo Grupo de Pesquisa Comunicação, Arte e Cidade (CAC), do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGcom/UERJ).

CORPOS INDISCIPLINARES: Ruídos mínimos

José Pedro Almeida Oliveira¹

Resumo

A partir da noção de "existências mínimas" propostas por David Lapoujade, tentamos neste artigo desenvolver uma linha de discussão que lance as provocações do filósofo francês para a performance, tensionando os ruídos do texto e dos corpos dissidentes – que acionam giros decoloniais – com as ideias de 'pertencimento', 'posse', 'desposuimento'.

Palavras-chave: Ruídos; Desposuimento; Existências mínimas; Performance.

INTRODUÇÃO

Como falar de algo que transcende o físico dos corpos que ocupam a cidade? Durante a leitura do livro de David Lapoujade essa pergunta me atravessou de tal forma que em várias passagens do livro a única anotação que eu consegui fazer, em cantos de páginas, era "ruído". É justamente sobre essas anotações que me debruço neste artigo. Muito do que irá se desenvolver neste artigo atravessa as minhas descobertas enquanto uma pessoa não binária/ tensionadora de gêneros e em constante estado de performance.

Entre as leituras de Lapoujade outras bombas me surgiram e diante das condições políticas que estamos vivendo não é possível deixá-las de lado. Então esse artigo será constantemente atravessado pelas leituras de *Corpos em Aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia*² e *Arte y estética em la encrucijada decolonial II*³.

Este artigo também está contaminado pelos medos que tomou toda a população LGBTQIA+⁴ e todas as outras minorias que tem sentido suas existências ameaçadas por um processo de emergência dos discursos de ódio que pontuaram a disputa eleitoral entre Jair Messias Bolsonaro e Fernando Haddad (casos de perseguições, agressões e mortes de minorias se dilataram⁵).

Para lidar com esses medos a performance *Aquendar os corpos*, apresentada no II Seminário Internacional Interlinhas⁶, atravessará esse artigo e será a forma de ilustração da política ruidosa dos corpos dissidentes.

O artigo está organizado em três movimentos: 1º) organizar os "ruídos" do texto de Lapoujade e marcar como os "ruídos" se relacionam com as vivências de corpos dissidentes, e como esses "ruídos" se localizam no meu corpo; 2º) "costurar" os ruídos na tentativa de articular Lapoujade as demais referências que integram o presente artigo; 3º) apresentar como a performance *Aquendar os corpos* produziu novos ruídos para compreender a leitura de Lapoujade.

7 Lapoujade, D. *As Existências mínimas*. São Paulo: n -1, 2017. p. 111

8 Le Guin, Ursula K. *Os Despossuídos*. São Paulo: Aleph, 2017.

9 Gómez-Peña, Guillermo. "Em defesa da arte da performance" in, Dawsey, J.; Moller, R.; Monteiro, M. *Antropologia e performance: ensaios napedra*. São Paulo: Terceiro nome, 2013. p. 444.

MOVIMENTO UM

Revedo as anotações ruidosas do livro de David Lapoujade eu me perco constantemente, mas ao mesmo tempo, precisamente ele me puxa para o texto e faz a retomada da leitura; me devolve os fios guia quando localizo as fugas das referências de performance. Aliás, quando iniciei a primeira leitura não imaginava que tal livro pudesse nos dar tantas pistas deste campo tão "impreciso", mutável e instável das definições de performance.

Todos os ruídos marcados no texto são de certa forma caminhos de performatividades potentes que podem ser localizadas no meu corpo enquanto ele se redescobre nesses processos de redimensionamento e de tensionamentos de gênero.

Lendo justamente sobre esses ruídos nós apontamos um caminho que pode ser, num primeiro momento. o guia para abriremos as discussões.

Os despossuídos, ou:

Podemos descrever os existentes como 'jogados' no mundo, ou invocar seu 'ser-no-mundo'. Mas como fazem aqueles que não encontraram a entrada que os faz 'ser-no-mundo'? Eles não se sentem jogados no mundo, e sim rejeitados, expulsos pela própria realidade. Ou então a parte que está-no-mundo não lhes pertence mais, o mundo os despossuiu antecipadamente.⁷

Os despossuídos podem atravessar muitas referências. Uma delas é: *Os Despossuídos*⁸, romance de ficção científica que narra a história de dois mundos Urras, dominado por uma condição política capitalista (referência ao Estados Unidos da América), e Anarres o mundo com uma política voltada ao proletário (referência a URSS). A trama do livro é basicamente as disputas destes dois mundos para estabelecer dominação da forma de comunicação que será adotada nos dois mundos (Guerra Fria), e a tensão constante do conflito que poderia evoluir para a guerra.

Eu me debrucei neste pequeno preâmbulo pois achei importante localizar essa referência, pois esse "despossuído" sempre nos aponta o caminho objetivo daquele que "não pertence" ou que não se reconhece também como "não pertencendo", ou seja, aquele que carrega a imagem do despossuído, tanto no romance como nas imagens que Lapoujade costroe a contra-narrativa e o desvio da rigidez.

O que acontece com a performance e com os corpos performáticos, que apresentam outras fronteiras, outras ocupações e trânsitos do pertencer, é estar no local do "desposuimento". Sabiamente Guillermo Gómez-Peña, autor fronteiro e ativador de performances nos coloca, "as fronteiras do nosso 'país da performance' estão abertas aos nômades, aos imigrantes, aos híbridos e aos desterrados."⁹

Tanto os corpos que fazem a performance como aqueles que rompem com as convenções binárias e normativas de gênero e sexualidade ocupam espaços de tensionamentos territoriais (tanto no sentido geográfico como no campo da arte), e normalmente acabam por situarem-se nos espaços fronterços, instáveis e mutáveis.

10 Lapoujade, 2017. p. 104

11 Aqui me refiro ao movimento performático da arte da performance (Cohen, 2006; 2011), e não a performatividade de gênero referente as teorias de Judith Butler (2016). A ideia inicial é conceber esse trabalho/artigo como parte de um processo criativo de performance. As anotações e percursos desenvolvidos aqui atravessam questionamentos que eu também apresento quando ativo as minhas performances.

12 Louro, Guacira L. *Um corpo estranho: ensaios sobre a sexualidade e teória queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. pgs. 89-90.

13 Lapoujade, 2017. p. 64.

14 Louro, 2013. p. 90.

15 Gomez-Peña, 2013. p. 444.

Por vezes nossos corpos estão em guerra contra os espaços normativos, produzindo disputa de narrativas, porém, tentando estabelecer todos esses tensionamentos com os nossos corpos. Ainda que seja uma disputa desleal, contra uma instituição muito maior – a instituição não visível do heterocapitalismo e consequentemente que consequentemente é a mesma que produz a heteronormatividade. Assim, a disputa pré-fracassada nos leva aos espaços do 'não pertencer' ou do não se sentir 'pertencendo', ou ainda mais, como próprio Lapoujade nos aponta, nós não estamos no espaço do se sentir 'ser-no-mundo'.

Seguindo a lógica do pertencer, como apresentada no texto de Lapoujade, "somos reais apenas se tivermos conquistado o direito de existir"¹⁰, logo, se as existências não conquistam esse espaço o corpo torna-se, num movimento: despossuído. Corpo este que após o desvio performático¹¹ é empurrado para outras fronteiras, Aqueles e aquelas que transgridem as fronteiras de gênero ou de sexualidade, que as atravessam ou que, de algum modo, embaralham a confundem os sinais considerados 'próprios' de cada um desses territórios são marcados como sujeitos diferentes e desviantes. Tal como atravessadores ilegais de territórios, como migrantes clandestinos que escapam do lugar onde deveriam permanecer, esses sujeitos são tratados como infratores e devem sofrer penalidades. Acabam por ser punidos, de alguma forma, ou, na melhor das hipóteses, tornam-se alvo de correção.¹²

Nós ocupamos o resquício, nós somos o resquício, e esse lugar que os corpos dissidentes ocupam é o da constante fragilidade. Lapoujade usa a ilustração da criança que após ver o copo quebrado descobre a imagem da fragilidade: o copo quebrado no chão, e questiona se o objeto é frágil. Agora, nós não temos mais a presença do copo e sim a imagem na nossa cabeça daquilo que há um segundo atrás era um copo. Isso se dá também no âmbito dos nossos corpos. Corpos estilhaçados pelo não pertencimento, mas nós ainda cortamos, como o copo quebrado, nós ainda cortamos.

Agora mudamos. Nos redescobrimos nesses espaços fronteiraços, e assim como o copo, o corpo possui a sua eficácia que é a capacidade de mudar e reorganizar os seus modos de ser. Ou seja, abrem-se outras percepções, "acotnece que esses instantes têm um papel decisivo, eles afetam os psiquismos que se abrem para outras perspectivas"¹³

Despossuídos desse espaço social, sendo agora "suportados, desde que encontrem seus guetos e permaneçam circulando nesses espaços restritos"¹⁴, nós nos localizamos na performance, como aqueles corpos desviantes, estilhaçados (como na metáfora do copo e da criança), descobrimos a performance como um espaço de resistência estabelecendo parcerias na performance que, sabidamente Guillermo Gómez-Peña coloca que "nossas numerosas comunidades estão constituídas por refugiados estéticos, políticos, étnicos e de gênero."¹⁵

Já localizado o espaço do "desposuimento", sigamos apontando para os caminhos da performance. Lapoujade, na abertura do livro, ao iniciar os tensionamentos do que virá a se seguir como discussão de pensar as existências para além dos espaços das coisas

16 Durante todo o percurso de escrita do artigo, e até mesmo agora, pensando nas reverberações (que estão me sendo lançadas durante a revisão do texto), uma das maiores dificuldades que me fizeram ir e voltar inúmeras vezes a leitura de David Lapoujade foi a tentativa de organizar e tentar desvincular das minhas noções de corpo do conceito de existência. Diante dessa dificuldade surge um dúvida: essa dificuldade nos faz deduzir ou nos induz a crença de que eu irei possuir e controlarei o reconhecimento da minha existência?

17 Lapoujade, 2017. p. 72.

18 Ibidem, p. 72.

19 Utilizo aqui manifestação no sentido de colocar ação de manifesto para produzir movimento no mundo, e não "manifestação" no sentido fenomenológico.

e das suas formalidades, nos apresenta a complexidade de 'modos de existências' que muito se relaciona com um dos dilatamentos propostos pela performance.

Lapoujade aponta – após realizar os seus estudos sobre o filósofo Souriau –, os seguintes modos de existências: a) os fenômenos; b) as coisas; c) os imaginários; e, d) os virtuais. Cada um dentro das suas potências tem a sua importância nessa construção da imagem do "não pertencer". Aqui não vamos nos debruçar a mostrar como cada um aciona este movimento mas, vamos nos posicionar a olhar para aquelas existências que propõem a contra-narrativa já que são duplamente não reconhecidas e conseqüente são duplamente despossuídas.

O primeiro processo de "desposuimento" se dá quando esta existência é negada e não reconhecida pelas outras (aqueles que são os possuídos?). O segundo processo é quando essa existência já despossuída não é reconhecida pelo próprio ser que a despossuiu, neste momento, como já vimos, a existência se estilhaça e o corpo torna-se cortante, como na figuração proposta por Lapoujade.

Para podermos tornar real a nossa existência e por conseguinte o nosso corpo¹⁶ é necessário o choque com os percursos do 'desposuimento'. É necessário possuir – quase que no sentido material de tornar palpável – a nossa existência. E esse processo de posuimento nós não desenvolvemos ou adquirimos conforme vamos nos conhecendo. Segundo Lapoujade é uma "conquista da posse"¹⁷. Seguindo a leitura, "podemos até dizer que o real se define para ele através da posse. Se a questão da existência diz respeito aos modos de ser, a questão da posse diz respeito aos graus de realidade. Quanto mais possuímos uma existência, mais ela é real".¹⁸

Este movimento de 'duplo não reconhecimento', e que lança a existência-corpo para o espaço da reconfiguração-estilhaço é que vamos posicionar como "ruídos mínimos". É o contra-tensionamento, é o percurso performático que passa por: descobertas de não pertencimento; descoberta do corpo-caco/ corpo-estilhaço; descoberta da produção ruidosa; e, finalmente reconhecimento da fragilidade.

FRICÇÕES RUIDOSAS DECOLONIAIS

Após todos esses movimentos de descoberta do "desposuimento", de saber que o seu corpo e conseqüentemente sua existência estão lançadas para um espaço do "não pertencimento", as existências ruidosas se articulam num processo de auto-gestão das suas perspectivas e dos seus estilhaços. Diante dessa perspectiva os "ruídos mínimos" passam a se manifestar¹⁹ propondo percursos e movimentos decoloniais.

Vimos como se dão os encontros e choques da performance e, indiretamente, acredito que apontamos uma possibilidade na qual o corpo que questiona e rompe as normatividades de gênero se coloca em constante performance. É justamente sob este movimento que vamos falar neste momento e como eles ativam ações decoloniais nos transitos.

20 Gómez, 2014. p. 15

21 O projeto neo-liberal ativa: o aumento do espaço privado e a diminuição do espaço público.

22 Ibidem, p. 17.

23 Ibidem, p. 17.

24 Ibidem, p. 17.

25 Lapoujade, 2017. p. 111.

Pedro Pablo Gómez nos apresenta uma contra estética decolonial e a emancipação da "opción estética decolonial"²⁰ que produz justamente a contra-narrativa dos corpos que estão propondo a "des-occidentalização". Segundo Gómez é o caminho de questionar as ordens capitalistas e neo-liberais²¹/ultra-liberais – e num último momento de evolução dos discursos de ódio, o neo-fascismo – que não permitem os transitos.

Lá opción estética decolonial no es una política de Estado, sino una actividade política, ética y epstémica de comunidades políticas globales, movimientos socieales y personas que se han dado cuenta, em su própria experiencia, de que son objetos del régimen colonial de la modernidad em su dimensión estética y están relegados a las adueras del ser.²²

Mais a frente ele complementa o conceito de estética decolonial,

La opción estético decolonial, en concordancia com lo alterior, es un conjunto de prácticas: encuentros y dialogos interculturales, eventos académicos, craciones artísticas e intervenciones políticas y publicaciones que se realizen em diversos lugares del mundo pero que comparten la experiencia común de las violencias de la colonialidad em lo cuerpos y, ante todo, un horizonte de experctativas y el trabajo por la creación de mundos em los que sea posible dejar de ser colonizados²³

Gómez estrutura um conjunto de práticas que podem acionar os processos decoloniais, mas, mais ainda, um conjunto de processos que essencialmente propõe movimentos de ações – de acionamentos performáticos – que somente "podem" ser acionados – performatizados – pelos corpos e existências que vão e são lançados para fronteira.

Acontece neste momento (o de transitar pelos espaços fronteirços, e ao mesmo tempo, o conjunto de práticas) um processo duplo.

O primeiro deles, proposto pelo próprio Gómez, quando acontece a descoberta coletiva desses espaços, os corpos e existências que estão em transito propõe uma atividade imaginativa e simultaneamente expandem as noções e os espaços dos mundos possíveis; para Pedro Pablo Gómez esse é um movimento que se inicia "desde ahí, desde los márgenes y los intersticios de la colonialidad, desde la frontera (el lugar em el que el centro desgarrá el mundo para producir la exterioridad)".²⁴

Retornando a David Lapoujade, apesar do autor não desenvolver uma "opción estética decolonial", ele compreende a atividade – nos corpos/existências – desses processos de redimensionamento dos corpos na fronteira. "Não se trata mais apenas de criar almas, mas de compor, construir novos corpos. Se o limite não pode ser alcançado, é justamente por causa desses corpos."²⁵, e consequentemente o processo de aparecimento da fronteira, para Lapoujade, "estamos entrando em um mundo no qual a solidez dos corpos, a clareza dos contornos e a fixidez das imagens se dissipam, dando lugar a verbos que afetam todos os modos de existência: aparecer, desaparecer, reaparecer"²⁶

26 Ibidem. p. 117.

27 Gómez, 2014. p. 15.

28 Ibidem, p. 15.

29 Butler, 2018. p. 14.

Acontece que essa descoberta dos movimentos e giros decoloniais colcados por Gómez tomam uma proporção maior quando ele nos aponta que esta estética – que está totalmente aliada ao movimento – está num diálogo "inter y trans-estéticos articulados a proyectos que persigan la superación de la colonialidad global".²⁷

O fim do primeiro movimento se dá com a tomada de consciência que nos levará a um movimento de (re)transitar, borrando o mapa dos desenhos imperialistas que limitam as ações performáticas-ruidosas das dissidências "la tomada de conciencia del cierre de un ciclo de dominación no significa, ni mucho menos, el fin de la modernidad ni el fin de Occidente, significa el fin de los diseños imperialistas".²⁸

O segundo processo se dá sob essa imagem de borrar os mapas, ou seja, os trânsitos dos corpos/existências. Para tal aventura nos debruçamos sob o segundo capítulo, "Corpos em aliança e a política da rua", do recente livro laçado de Judith Butler. Nesta publicação a autora norte americana vai desenvolver uma pesquisa sobre o "aparecimento", segundo a autora "nem todos podem aparecer em uma forma corpórea, e muitos daqueles que não podem aparecer, que estão impedidos de aparecer"²⁹. Acredito que essa "não possibilidade de aparecer" começa a ser atravessada por um fluxo de aliançamento dos corpos. É importante alertar que "o aliançamento" não promove o aparecimento dos corpos, mas de certo modo possibilita o início de um movimento comum de luta entre as minorias e as existências ruidosas. Assim o processo de aliançamento apresenta a tese específica do livro que se as minorias agirem em conjunto – que é a luta pela possibilidade do aparecimento – os corpos podem tomar proporções maiores para acionar e questionar as ordens vigentes da política.

Borrando as fronteiras, nos colocando em aliança, e num movimentos posterior – que Butler chega a cogitar no livro – de ocupação da rua, e dos espaços públicos, os corpos colocam em cheque o principal projeto Neo-liberal/Ultra-Liberal e consequentemente ativam imediatamente um processo de descolonização de ocupação da cidade.

Reunir corpos em aliança significa, imediatamente, questionar os limites e as configurações dos espaços públicos e consequentemente propor a "distinção entre o público e o privado, vemos algumas maneiras por meio das quais os corpos, na sua pluralidade, reivindicam o publico, encontrando-o produzindo-o por meio da apreensão e da reconfiguração da questão dos ambientes materiais"³⁰. Este movimento de questionamento provoca automaticamente uma (re)leitura do espaço físico, assim "o ambiente material é ativamente reconfigurado e refuncionalizado"³¹, e a reconfiguração ira definir "o que vai ser espaço público e o que ai ser o espaço da política".³²

O que liga o primeiro processo apresentado sob a ótica de Pedro Pablo Gómez e o segundo processo, a partir de Judith Bluther é juntamente o reconhecimento do processo de ir para a rua, e propor esse "aliançamento". Na aliança reconhecemos o que no final do "movimento um" colocaos como "reconhecimento da

30 Ibidem, p. 81.

31 Ibidem, p. 81.

32 Ibidem, p. 84.

33 Essa ação iniciou-se após o resultado final das eleições presidenciais onde diversas existências sintiram-se ameaçadas e começaram a agir pra criar/construir/ estabelecer redes de proteção.

34 Ibidem, p. 99

35 Todos os relatórios podem ser conferidos em: <https://homofobiamata.wordpress.com/>.

36 LGBTfobia é a violência contra as existências LGBTQIA+.

37 Aquendar é uma palavra do Pajubá – dialeto usado pela população LGBTQIA+, mas mais especificamente as travestis e transsexuais – que indica a ação de “esconder”, utilizada no contexto da performance, significa esconder o pênis (neca, no dialeto pajubá).

38 O voto do então deputado federal causou muita polêmica por fazer referência a “memória de Coronel Alberto Brilhante Ustra”, torturador que coordenou o DOI-CODI SP de 1970 à 1974, dentre as vítimas de Ustra estão: Dilma Rousseff, e outras 3 mil pessoas. Vale ressaltar que dessas 3 mil cerca de 47 pessoas desapareceram. Também foi nesta manifestação de Bolsonaro que ouviu-se a primeira menção do seu lema de campanha “Brasil a cima de tudo, e Deus acima de todos”.

Pode-se ver o voto completo de Bolsonaro no YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=bfJhLWsfhA4&t=1s>

39 Descrição retirada dos cadernos do artista.

fragilidade”. A tomada de consciência da fragilidade não impede a ação, muito pelo contrário, ela impulsiona a ação, e transforma-a numa imagem muito concreta, que mobiliza as minorias no Brasil de “ninguém solta a mão de ninguém”³³. Assim, todos esses acionamentos performáticos – de rompimentos com as estruturas neo-liberais – para aparecimento tem tal objetivo posto por Butler, “Essas ações foram todas políticas no sentido simples de estarem derrubando uma distinção convencional entre o público e o privado a fim de estabelecer novas relações de igualdade.”³⁴

AQUENDAR OS CORPOS

Venho, nos dois últimos anos, desenvolvendo uma série de performances que tem como ponto de partida os relatórios³⁵ do Grupo Gay da Bahia (GGB). Nesses relatórios o grupo apresenta (em uma das partes) a lista das vítimas de LGBTfobia – inclui-se nesta lista as pessoas que foram mortas/assassinadas e aquelas que se suicidaram em decorrência da LGBTfobia³⁵.

Nesta última ação intitulada Aquendar os corpos, a ação era: sentada em uma mesa, escrito na borda “se a vítima é não identificada e vítima poderia ser eu”, tinham duas “pilhas” de papéis (o relatório do ano de 2017), ao lado da mesa dois rolos de fita crepe. Inicia-se a ação, lendo mentalmente a lista das vítimas, avistando uma “[vítima] não identificada” parava-se, passava batom, e em seguida limpava passando em cima do nome. A ação se repetia igualmente na outra pilha até o final da página. Assim que acabava a folha, a de uma pilha era dada a alguém que estava assistindo a performance. Em seguida eu levanta e a outra eu usava para Aquendar³⁶ meu pênis. Voltava e me sentar e repetia essa ação até que se finalizasse todas as páginas do relatório.

Após fazer isso com a última página do relatório, eu coloca meu vestido, e acionava um vídeo do YouTube, nesse dia da UERJ a fala de Jair Messias Bolsonaro³⁷, no dia da votação do impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff.³⁸

Performar Aquendar os corpos é uma forma de lidar com todos esses medos que me afligem desde o momento em que me assumi uma pessoa não-binário/tensionadora de gêneros. Falar sobre essas vítimas, e sobre esses corpos que não estão mais corporificados é incentivo e fortalecimento para continuar lutando.

Esses corpos listados, essas existências que atravessaram o instante das “existências mínimas”, passando pelo processo de reconfiguração e redimensionamento das suas existências, agora transitaram para “existências ruidosas” por meio do acionamento performático a partir da ação de Aquendar os corpos.

O meu corpo, junto com os corpos que estão “assistindo” a performance, mais todos os outros corpos que estão ali presentes no relatório utilizado, entram em sintonia na imagem performática de “corpo vibrátil”. Neste instante de performance, de acionar e nos colocarmos neste espaço performando, a ação de certo modo foi o de “recolher as vibrações, mesmo as mais ínfimas, desse limite”³⁹. Esse limite, é o que transforma a ação em ruído, e conseqüentemente coloca esses nomes incluindo-se os “não identificados” no espaço de aparecimento proposto por Butler.

Esse campo de aparecimento muito diz sobre como nós corpos dissidentes politizamos nossas existências e as "não identificadas", já que segundo Butler "não são apenas o gênero e a sexualidade que são em algum sentido performativos, mas também suas articulações políticas e as reivindicações feitas em seu nome"⁴⁰. Sendo assim, quando Aquandamos todos aqueles nomes performáticos, e acionamos as vítimas "não identificadas" transformamos as suas existências ruidosas em performance.